

Sem água, luz e transportes invasores começam vida nova

D.F. 10 JUL 1981

JORNAL DE BRASÍLIA

Desde ontem 40 famílias que estavam morando na invasão da 110-111 Norte estão construindo novos barracos em Brasilinha, na área conseguida pelo Governo do Distrito Federal para abrigar os invasores que queriam deixar o Plano Piloto. A área, obtida junto à Prefeitura de Brasilinha (Goiás), não apresenta nenhuma infraestrutura. Não há água, luz, asfalto ou transportes. Para chegar ao centro de Brasilinha os ex-invasores da 110 Norte têm que caminhar seis quilômetros, enquanto que para o Plano Piloto vão gastar 80 quilômetros.

Na manhã de ontem, cerca de 15 famílias chegaram ao local e foram recebidas com euforia por outros ex-invasores, funcionários da Secretaria de Serviço Social e da Fundação Maria do Barro, que contribui na instalação dos novos moradores.

Para quem chega ao local, a primeira impressão não é nada animadora. Há muito barro e mato. Ali mesmo são erguidos os barracos de madeira, levadas da invasão pelos caminhões da Terracap e Secretaria de Viação e Obras (SVO).

Conformados

Maria Lopes Soares Moreira, mãe de

sete filhos pequenos, saiu da invasão da 110/111 Norte, para Brasilinha desacreditada mas à medida que ia descarregando sua mobília e os pedaços de madeira para construir seu novo barraco, passou a gostar do local. «No começo parece que vai ser difícil, mas aqui vai ficar melhor», acredita Leonícia. Ela disse, conformada, que não tinha para onde ir quando a invasão começou a ser destruída e por isso foi morar em Brasilinha. «Voltar para o Piauí, nem pensar», dizia ela.

Ao contrário de Leonícia, seu companheiro, o auxiliar de serviço Waldemar Cândido da Silva ficaria na invasão até o último barraco ser destruído e depois construiria o seu em outra invasão. «O governo tem condições de dar terra pra gente no DF», afirmava Waldemar. De hoje em diante, o casal gastará Cz\$ 30 por dia para vir até o Plano Piloto trabalhar. Waldemar ganha um salário mínimo e Leonicia arrecada Cz\$ 1,5 mil recolhendo papel.

Para Maria Lopes do Lago, a ida para Brasilinha foi vantajosa porque é onde trabalha como feirante, arrecadando Cz\$ 300 por semana para sustentar quatro filhos. «As condições de vida por aqui são duras, principalmente com a falta

de água e luz, mas a gente tem que enfrentar as dificuldades. Pelo menos a terra é nossa», declara Maria Lopes.

Ilusão

Odilon Larindo Santos chegou a Brasilinha enfrentando problemas. Com sete filhos e a mulher ele chegou ao local pensando que ia encontrar barraco construído e o mato cortado. Mas foram-lhe fornecidos somente alguns pregos e ajuda de pessoal para erguer seu barraco. Enquanto reclamava, os funcionários da Secretaria de Serviço Social informavam que ninguém era obrigado a permanecer no local o que os caminhões providenciariam a retirada. Maria Francisca Silva, sua mulher, decidiu ficar. «Pode ser que melhore», afirmou desolada.

Hélio Chaves, vigia noturno no Plano Piloto era um morador com bons referenciais do assentamento de Brasilinha. No local desde a terça-feira, afirmou que a terra é dele e o que produzir vai ficar para todos que construirão a nova cidade em sistema de mutirão. «E não precisa temer a falta de água porque eu já recolhi dois latões», dizia animado, apostando numa vida melhor.